

Distrito criativo em lã: relato de experiência aproximando *design* e artesanato

Creative district in wool: an experience report bringing together design and crafts

Carolina Iuva de Mello^I , Ana Gabriela de Freitas Saccol^{II} , Danielle Neugebauer Willie^{III} , Paola Cargnelutti Bariquelo^{IV} , Stephanie Nunes Goulart^V 

RESUMO

O presente trabalho propõe reflexões com base no relato de experiência estabelecido na aproximação entre dois projetos de extensão, Ateliê de Tecelagem e *Design, Identidade e Território*, desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Maria, com o objetivo de estimular a valorização identitária do território de Santa Maria (RS), mais especificamente do Distrito Criativo Centro-Gare. Levando-se em consideração as características locais de manufatura, o potencial iconográfico do território e os segmentos de mercado a serem atingidos, foram cocriados artefatos em lã ovina para serem comercializados como suvenires identitários. Também foram propostos materiais gráficos de divulgação, como cartazes e cartões, para reforçar a vinculação territorial dos produtos. As ações práticas seguiram as etapas da pesquisa-ação, enquanto o artigo, qualitativo em sua natureza, é exploratório em termos de objetivos, buscando promover uma compreensão mais profunda do tema. Por fim, ao reconhecer a criatividade como um fator estratégico para o desenvolvimento dos territórios, compreendemos que o *design* e o artesanato desempenham um papel de destaque na consolidação e dinamização dos distritos criativos. Nesse sentido, enfatiza-se a importância de iniciativas que promovam a interação e ambientes de cocriação entre diferentes atores da economia criativa, especialmente *designers* e artesãos.

Palavras-chave: *Design*. Artesanato. Lã ovina. Território. Economia criativa.

ABSTRACT

This paper proposed reflections based on an experience report established in the collaboration between two extension projects: "Weaving Workshop and Design, Identity and Territory," both developed at the Universidade Federal de Santa Maria, with the aim of stimulating the enhancement of the identity of the Santa Maria territory, more specifically the Centro-Gare Creative District. Considering local manufacturing characteristics, the territory's iconographic potential and the market segments to be reached, new sheep's wool artifacts were codesigned to be marketed as identity souvenirs. Graphic promotional materials were also proposed, such as flyers and tags, to reinforce the territorial link between the products. The practical actions followed the stages of action research, while the article, qualitative in nature, is exploratory in terms of its objectives, seeking to promote a deeper understanding of the topic. Finally, by recognizing creativity as a strategic factor for the development of territories, we understand that design and handicrafts play an important role in consolidating and boosting Creative Districts. In this sense, we emphasize the importance of initiatives that promote interaction and co-creation environments between different players in the Creative Economy, especially designers and craftspeople.

Keywords: *Design*. Handicraft. Sheep wool. Territory. Creative economy.

^IUniversidade Federal de Santa Maria, Departamento de Desenho Industrial e Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo – Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: carolinaiuva@gmail.com

^{II}Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Zootecnia – Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: ana.saccol@ufsm.br

^{III}Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Ciências da Comunicação – Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: danielle.wille@ufsm.br

^{IV}Universidade Federal de Santa Maria, Graduação em Desenho Industrial – Santa Maria (RS), Brasil. E-mails: paola.bariquelo@acad.ufsm.br; stephanie.goulart@acad.ufsm.br

Recebido em: 20/02/2024. Aceito em: 28/05/2024.

INTRODUÇÃO

A cidade de Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul, vem desenvolvendo iniciativas importantes no que tange ao seu patrimônio cultural, com destaque para a formalização do Distrito Criativo Centro-Gare em abril de 2022. A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) tem desempenhado um papel significativo como parceira nessa iniciativa, contribuindo ativamente para a promoção das atividades culturais e criativas no território. Por meio de um edital de incentivo a ações de extensão no âmbito do distrito criativo em 2023, houve a aproximação entre os participantes dos projetos *Design*, Identidade e Território, do Departamento de Desenho Industrial, e Ateliê de Tecelagem, desenvolvido no Laboratório de Lã (LabLã), do Departamento de Zootecnia, pois ambos foram contemplados com recursos para conceber ações e artefatos destinados a fomentar a valorização identitária do território.

Ao relatar a experiência dessa aproximação, o presente artigo teve como objetivo estimular reflexões sobre a interseção entre *design* e artesanato e sobre o potencial da criatividade como fator estratégico para o desenvolvimento. Por meio de ações que buscaram incentivar a participação ativa dos envolvidos e promover a valorização do patrimônio local, foram cocriados artefatos destinados à comercialização como suvenires identitários do Distrito Criativo Centro-Gare. Também foram desenvolvidos materiais gráficos de identificação e divulgação, como *flyers* e etiquetas, com o intuito de fortalecer a conexão territorial dos produtos.

Além da produção dos artefatos, procurou-se disseminar conhecimentos acerca da lã ovina, valorizando não apenas o material em si, mas também os aspectos históricos, técnicos e sociais inerentes à sua produção. A convergência de distintas áreas do conhecimento proporcionou a dinamização de saberes e práticas, estabelecendo conexão entre passado e presente, entre tradição e inovação. A atuação conjunta dos projetos contribuiu para estimular de forma criativa a valorização de aspectos identitários culturais da cidade de Santa Maria e da ovinocultura laneira do estado. Tal colaboração igualmente buscou incentivar o empreendedorismo e a geração de renda vinculada à economia criativa. Os resultados evidenciam o impacto positivo da integração interdisciplinar no desenvolvimento de iniciativas criativas e territoriais.

No desenvolvimento de projetos que promovam a valorização de identidades territoriais, é essencial não apenas compilar referências identitárias e incorporá-las em produtos para eventual comercialização, mas também estabelecer um diálogo contínuo com os atores locais, garantindo que a valorização seja efetiva e alinhada com a realidade local (Krucken, 2009; Mello *et al.*, 2011; Mello; Froehlich, 2022). Priorizou-se, assim, o diálogo como o método de interação entre os atores, estabelecendo contínua interação e colaboração (Freire, 1987). Nesse contexto, em que a abordagem projetual requerida é participativa, os *designers* atuam como facilitadores, envolvendo ativamente os demais membros no processo de criação e desenvolvimento dos projetos.

Do ponto de vista metodológico, as ações práticas pautaram-se principalmente nos princípios da pesquisa-ação, que, como ressaltado por Benbasat, Goldstein e Mead (1987), pode ser vista como uma modalidade de estudo de caso, divergindo no fato de que o pesquisador transcende o papel de mero observador para tornar-se um participante ativo. O processo de mudança social não apenas se torna o foco da investigação, mas também representa o propósito intencional do próprio pesquisador (Thiollent, 1997). Buscando refletir sobre as ações realizadas, o presente artigo, caracterizado por sua natureza qualitativa, adotou uma abordagem exploratória com o objetivo de fomentar uma compreensão mais aprofundada do tema em questão.

A próxima seção deste artigo traz a contextualização teórica sobre temas que fundamentam a pesquisa, como território, artesanato, *design* e economia criativa. Posteriormente, tem-se o relato e as reflexões das ações desenvolvidas em parceria entre as áreas e as artesãs do LabLã. Por fim, são apresentadas as considerações finais e delineadas direções para trabalhos futuros.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A noção de desenvolvimento fundamentada na industrialização, urbanização e burocratização tem sido alvo de questionamentos nas últimas décadas, sobretudo por causa da sua evidente dificuldade de promover avanços significativos nas sociedades periféricas. No processo de globalização, consolidam-se lógicas econômicas que privilegiam processos homogeneizantes (Canclini, 2003).

Visando encontrar alternativas mais apropriadas para cada escala territorial, a dimensão cultural passou a ser reconhecida como um indicativo de singularidade, ampliando as possibilidades de caminhos para se alcançar o desenvolvimento (Burity, 2007). Trata-se da busca pela afirmação de uma identidade, de elementos distintivos, de uma reputação própria, de características singulares que diferenciam o território no universo da globalização. Um esforço que parte da descoberta, do reconhecimento e da valorização dos ativos locais, ou seja, das potencialidades, vocações, oportunidades, vantagens comparativas e competitivas de cada território (Juarez de Paula *apud* Lages; Braga; Morelli, 2004).

Como apontado por Adélia Borges (2003, p. 63), “quanto mais a tal da globalização avança trazendo consigo a desterritorialização, mais [...] a gente sente necessidade de pertencer a algum lugar, àquele canto do mundo específico que nos define”. Nesse contexto, especificidades e tipicidades histórico-culturais dos territórios vêm sendo mobilizadas por diferentes atores como forma de diferenciação e em nome do desenvolvimento (Mello, 2016; Froehlich; Mello, 2021). Podem-se, portanto, compreender os territórios como campos de disputa em que os atores buscam, por intermédio de variados recursos materiais e culturais, imprimir sentidos e interpretações, tomar posições, carrear apoios, produzir e legitimar consensos favoráveis a si (Brandão, 2007).

As identidades compreendem um processo de significação e de diferenciação por meio de mediações. Afirmer identidades demanda consolidar fronteiras, por

meio de linguagens, posturas e discursos (Hall, 2006). Como prática mediadora, o *design* contribui para a valorização e divulgação dos aspectos simbólicos distintivos dos territórios, afirmando e consolidando identidades, tendo em vista que o *design* está no centro da relação entre economia e cultura, produzindo signos e símbolos que se intercambiam comercialmente e se consomem pelo valor que adquirem na sociedade (Barrera, 2010).

O *design*, além de um serviço de melhoria da qualidade aparente do produto final, possui capacidade analítica e interpretativa de aspectos simbólicos e culturais, reconhecendo e tornando reconhecíveis qualidades locais e possibilitando a dinamização de recursos do território (Krucken, 2009). Isso impulsiona e valoriza a atuação do *designer*, principalmente em economias emergentes, ampliando as suas possibilidades de atuação como promotor de produtos e serviços vinculados ao território.

Nesse cenário, destaca-se também o artesanato, produto resultante da transformação da matéria-prima pelo artesão, utilizando predominantemente técnicas manuais. Por ser uma prática que tradicionalmente perpassa gerações e se encontra em íntima relação com o território no qual é exercida, o artesanato tem sido considerado parte integrante da cultura material do grupo social que o produz (Froehlich; Mello, 2021). Em outras palavras, ele pode ser considerado um elemento componente da cultura material quando seus processos de produção e consumo são parte integrante da vida cotidiana do grupo social, refletindo seus costumes, crenças e valores em determinado momento histórico.

Hoje em dia, os esforços de valorização do artesanato pautam-se pela importância da atividade no processo de inserção econômica e social de uma parcela expressiva da população e pelos valores simbólicos transmitidos pela produção artesanal, acionando sentidos cada vez mais estimados pelo público consumidor (Mello, 2016). Assim, a permanência do fazer artesanal na contemporaneidade pode ser atribuída aos aspectos simbólicos que a prática evoca. São diversos os estudos e iniciativas que visam integrar o artesanato em ações de desenvolvimento dos territórios, utilizando-o como estratégia para diferenciar produtos com base nas especificidades culturais locais. Essa abordagem amplia a aproximação entre artesãos e *designers*, promovendo colaborações criativas que buscam equilibrar os conhecimentos tradicionais com as demandas da inovação e do mercado contemporâneo (Borges, 2012).

Nesse contexto, destaca-se o trabalho realizado há mais de 20 anos pelo Laboratório O Imaginário, da Universidade Federal de Pernambuco, reconhecido por sua trajetória e atuação na valorização do artesão brasileiro. Considerando os aspectos delicados da interação entre *design* e artesanato, atua com uma ética baseada no respeito às diferenças para a construção de ambientes favoráveis à troca de ideias e conhecimentos (Andrade; Cavalcanti, 2020).

Como ressaltado por Leite (2005), no contexto da aproximação entre *designers* e artesãos, as ações de valorização mercadológica do artesanato frequentemente enfrentam uma encruzilhada. Por um lado, elas auxiliam na sobrevivência

da prática artesanal em um mercado atual inundado por bens industriais. Por outro, podem provocar a descaracterização simbólica do artesanato para os seus produtores. Por esse motivo, Leite (2005, p. 41) entende que a visão do artesanato não deve se “constituir meramente em produtos, mas em processos que se inserem reflexivamente no contexto de sua produção e se refletem nos modos de vida de quem os produz”.

Portanto, salienta-se que a valorização mercadológica do artesanato é relevante para os artesãos do ponto de vista econômico. Porém, para que a aproximação entre *design* e artesanato seja benéfica para os artesãos, ela precisa ser pautada em uma relação dialógica horizontal em que o conhecimento acadêmico ou profissional do *design* não prevaleça sobre o conhecimento prático e experiencial do artesão. Conforme dizem Noronha, Farias e Portela (2022), nesse contexto, o *design* deve ser “com e para os outros”, respondendo aos desejos relacionados ao bem-estar das comunidades de modo a superar o funcionalismo e o racionalismo do *design* moderno.

Design e artesanato, entre outros setores, integram a denominada economia criativa, que, segundo Reis (2008), é a produção que valoriza a singularidade, o simbólico e aquilo que é intangível: a criatividade. A teoria da economia criativa surgiu em meados dos anos 1970, influenciada pelo fenômeno de desindustrialização presenciado em grandes cidades norte-americanas, como Los Angeles e Nova York, nos Estados Unidos. Posteriormente, na década de 1990, ela foi aplicada em países britânicos industrializados com o objetivo de impulsionar negócios por meio da implementação de ideias criativas (Santos; Rocha, 2020). Na contemporaneidade, a criatividade tornou-se fator indispensável para a economia.

Na economia de hoje, a criatividade é generalizada e contínua: estamos sempre revendo e aprimorando cada produto, cada processo e cada atividade imaginável, e integrando-os de novas maneiras. Além disso, a criatividade tecnológica e econômica é fomentada pela criatividade cultural e interage com ela. Esse diálogo é evidente no surgimento de novas áreas como a computação gráfica, a música digital e a animação (Florida, 2011, p. 5).

A criatividade possui um vasto potencial de transformação e inclusão socioeconômica. As denominadas cidades criativas, ao operarem na dinâmica global da economia criativa, desempenham papel central ao criar redes de cooperação e intercâmbio de talentos, transformando seu ambiente e promovendo uma dinâmica singular para esse setor (Landry, 2003 *apud* Costa; Souza-Santos, 2011).

Nesse contexto, os distritos criativos estão emergindo como uma possibilidade de revitalizar áreas urbanas que experimentaram a degradação por causa da relocação de negócios ou residências para outras partes da cidade (Douglass, 2016). Como resultado de um processo orgânico e/ou planejado, a área é convertida em um ambiente atrativo, caracterizado por uma concentração significativa de negócios e atividades criativas (Testoni, 2018). Com esse propósito, em 2022, a cidade de Santa Maria implementou seu primeiro distrito criativo, denominado Centro-Gare.

DESIGN E ARTESANATO EM LÃ NO DISTRITO CRIATIVO CENTRO-GARE: RELATO DE EXPERIÊNCIA E REFLEXÕES

No início de 2022, Santa Maria instaurou o Distrito Criativo Centro-Gare, abrangendo uma porção do centro histórico e da antiga Gare da cidade. Os objetivos eram dinamizar o território e valorizar seu patrimônio, fomentando iniciativas ligadas à economia criativa. A UFSM destaca-se como uma importante apoiadora da iniciativa, especialmente no que tange ao suporte a projetos de extensão que contribuam com o desenvolvimento da economia criativa e a promoção identitária do território (Lisbôa Filho *et al.*, 2023). Nesse sentido, tem lançado anualmente editais de fomento a ações de extensão para a promoção do Distrito Criativo Centro-Gare.

A aproximação entre os projetos de extensão Design, Identidade e Território, do Departamento de Desenho Industrial, e Ateliê de Tecelagem, vinculado ao LabLã, do Departamento de Zootecnia, se deu no âmbito de um desses editais, com os intuitos de agrupar conhecimento e desenvolver ações conjuntas para transformar a lã ovina em artefatos que pudessem estimular a valorização identitária do território de Santa Maria, mais especificamente do Distrito Criativo Centro-Gare.

O LabLã foi inaugurado em agosto de 1981, como parte do programa de melhoramento genético de ovinos do Rio Grande do Sul, com o objetivo de realizar análises da lã ovina. Com o ingresso da fibra sintética no mercado internacional e a consequente queda do valor da lã, os rebanhos ovinos foram sendo substituídos por raças com aptidão para produção de carne, e as análises até então realizadas pelo LabLã foram perdendo relevância. Assim, no fim da década de 1990, o laboratório passou a promover ações no sentido de divulgar e estimular o uso da lã ovina no artesanato. Para isso, foram adquiridos equipamentos para o beneficiamento da lã, como cardas, rocas e teares, e, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, cursos e treinamentos vêm sendo promovidos, proporcionando o aprendizado de diferentes técnicas de artesanato com lã crua para a comunidade santa-mariense.

A qualificação do espaço, mediante a aquisição dos equipamentos, possibilitou a sua disponibilização para uso de artesãos com conhecimento prévio e interesse na prática da tecelagem. Desse modo, em 2022, iniciou-se o projeto de extensão Ateliê de Tecelagem, com o objetivo de oportunizar à comunidade artesã de Santa Maria um espaço de acolhimento, troca de experiências e aprimoramento técnico das técnicas manuais em lã. Em 2023, as ações do ateliê foram direcionadas para o território do Distrito Criativo Centro-Gare.

Por sua vez, o projeto *Design, Identidade e Território*, iniciado em 2020, tem como objetivo principal promover a valorização de identidades territoriais por meio do projeto e do desenvolvimento de artefatos e comunicações que aproximem acadêmicos do curso de Desenho Industrial da UFSM a atores envolvidos no setor da economia criativa. Além disso, busca auxiliar na vinculação territorial de produtos e processos já consolidados no território, promovendo a extensão universitária nas distintas áreas de atuação do desenhista industrial e a troca de conhecimentos entre diferentes domínios do saber.

Metodologicamente, as ações foram pautadas pelas fases da pesquisa-ação sugeridas por Thiollent (1997):

- Fase exploratória: diagnóstico para identificar um problema;
- Fase principal: planejamento da ação, considerando as ações como alternativas para resolver o problema;
- Fase de ação: execução das ações, com seleção de um roteiro de ações;
- Fase de avaliação: avaliação das consequências da ação.

As oito ações para valorizar os produtos locais, propostas por Krucken (2009), são:

- Reconhecer: compreender o espaço em que esse produto será produzido, sua história, qualidades, estilos de vida das comunidades, seu patrimônio material e imaterial, entre outros;
- Ativar: integrar competências, investindo no desenvolvimento de uma visão integrada de todos os atores envolvidos, realizar pesquisas e assessorar questões legais e financeiras;
- Comunicar: informar sobre os modos de fazer tradicionais do produto, sua história e origem;
- Proteger: fortalecer a imagem do território, desenvolvendo uma imagem clara e coesa do território por meio dos produtos;
- Apoiar: valorizar o saber-fazer e buscar formas e novas tecnologias que auxiliem, mas não descaracterizem, a identidade do produto e do território;
- Promover: conscientizar e sensibilizar produtores e governantes, fortalecer políticas públicas voltadas à valorização de identidades territoriais;
- Desenvolver produtos e serviços que respeitem e valorizem o território pelo conhecimento dos potenciais locais;
- Consolidar: criar redes de cooperação entre os atores locais e agentes de inovações do território.

Para Krucken (2009), essas são as oito ações essenciais para a atuação do *design* na promoção dos territórios, porém a própria autora ressalta que não há um caminho único. Desse modo e dadas as particularidades da experiência relatada, as ações foram realizadas na sequência apresentada na Figura 1.



Figura 1. Metodologia utilizada.

Fase exploratória: reconhecer e ativar

A valorização de recursos locais depende de capacidades e competências que vão muito além dos limites isolados das diversas áreas de conhecimento. É necessário integrar competências, investindo no desenvolvimento de uma visão compartilhada entre atores do meio empresarial, institucional e governamental (Krucken, 2009, p. 100).

Conforme previamente relatado, a aproximação entre os participantes dos projetos supracitados se deu por meio de um edital de fomento lançado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFSM para promover ações de valorização do Distrito Criativo Centro-Gare, visando fortalecer a integração da comunidade acadêmica com o desenvolvimento e a revitalização do território em questão. Ambos os projetos foram contemplados, e, como possuíam objetivos em comum, estabeleceu-se uma colaboração para unir esforços e *expertises* em prol de iniciativas que potencializassem o impacto positivo no distrito.

A primeira ação de aproximação ocorreu por meio de uma visita da equipe de desenho industrial ao LabLã, onde as artesãs se reúnem toda terça-feira à tarde para confeccionar suas peças e trocar experiências. Nessa visita foram apresentadas as técnicas utilizadas pelas artesãs, como feltragem, agulhamento e trama no tear, e os artefatos previamente confeccionados por elas com vinculação identitária, como quadros, esculturas e tapeçaria. A partir de então, em alguns encontros as artesãs ensinaram às acadêmicas a técnica de feltragem que utilizam na confecção de suas peças, explanaram sobre diferentes maneiras de tingir a lã e conversaram acerca da relevância do fazer artesanal para elas. Essa vivência permitiu à equipe de desenho industrial ter um conhecimento mais amplo a respeito das possibilidades dos materiais e processos e dos conhecimentos tácitos das artesãs.

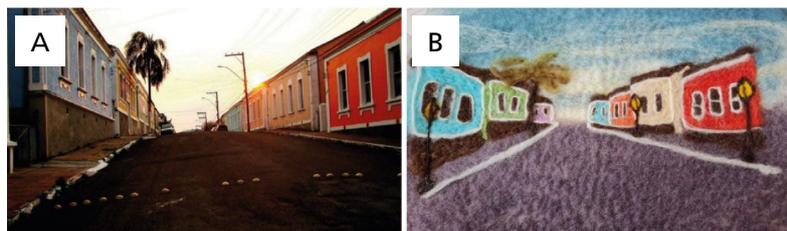
Posteriormente, a equipe de desenho industrial realizou uma apresentação sobre o projeto *Design, Identidade e Território*, e foram propostas estratégias para apoiar a comunicação e a divulgação dos produtos já confeccionados pelas artesãs, bem como a cocriação de artefatos identitários em lã para serem comercializados como suvenires do distrito criativo. Na sequência, foi conduzida uma roda de conversa acerca das possibilidades de atuação colaborativa entre *design* e artesanato para a valorização dos territórios, resultando em uma imersão e no aprofundamento das relações entre os participantes.

Após essa aproximação inicial, que buscou integrar competências e ativar uma visão compartilhada de futuro, passou-se a focar no reconhecimento do território que iria servir de inspiração para a criação dos produtos, o espaço geográfico da cidade abarcado pelo Distrito Criativo Centro-Gare. Para isso, foi realizada uma Caminhada Criativa, unindo artesãs, acadêmicas, técnicas e docentes envolvidas na pesquisa, com os propósitos de inspirar e registrar diferentes olhares sobre as edificações que integram o território.

A Caminhada Criativa foi conduzida por uma arquiteta, então bolsista do projeto Ateliê de Tecelagem, proporcionando a observação atenta da arquitetura presente no distrito e aprofundando conhecimentos sobre a importância histórica

desses edifícios. O acervo arquitetônico de Santa Maria é reconhecido internacionalmente por ser o segundo maior conjunto em via contínua de *art déco* e remonta o apogeu da era ferroviária, tendo em vista que a Avenida Rio Branco ligava o eixo comercial da cidade à Estação Férrea de Santa Maria. Foi nesse contexto histórico que muitos dos imponentes edifícios ao longo da avenida foram construídos.

Ao longo da ação, foi possível identificar características, elementos, códigos formais e composições da arquitetura presente no distrito. Foram analisadas e fotografadas construções emblemáticas, como o chafariz e o coreto da Praça Saldanha Marinho, a Casa de Cultura, o Theatro 13 de Maio, a Catedral Metropolitana Imaculada Conceição, o conjunto habitacional Vila Belga, entre outros. O registro visual foi, posteriormente, reproduzido em lã pelas artesãs do Ateliê de Tecelagem (Figura 2). Com isso, cada artesã trouxe o seu olhar sobre a cidade para o artesanato que produz, ressaltando em suas peças pontos da cidade e da arquitetura que mais lhe chamaram a atenção e que, de certa forma, possuem memória afetiva de sua vivência no território.



Fonte: (a) Santos (2008) e (b) Mirian Schalemborg (2023).

Figura 2. Paisagem da Vila Belga reproduzida em feltragem molhada e agulhada em lã. (A) Fotografia da Vila Belga e (B) sua representação em lã.

Revisitar a história do local em que se vive e prestar atenção aos detalhes proporcionou momentos de reflexão e de compartilhamento de significados e experiências vividas no território. Esse exercício não apenas aprimorou a percepção do Distrito Criativo Centro-Gare, mas também permitiu a sensibilização para que todos os participantes se identificassem de maneira mais profunda e significativa com o contexto local.

Essa sensibilização, por intermédio da Caminhada Criativa, inspirou que a manifestação visual nos produtos artesanais não fosse estabelecida apenas conforme o olhar da equipe de *design*, mas o de todas as participantes com base em suas próprias interpretações. Portanto, a aproximação entre os participantes dos projetos, a troca de saberes e a atuação conjunta nas dinâmicas se mostraram importantes para o fortalecimento do grupo e promoveram a horizontalidade na relação entre *designers* e artesãos.

Além disso, os encontros iniciais proporcionaram à equipe de *design* compreender as reais necessidades das artesãs, em relação tanto às expectativas e dificuldades quanto às limitações e possibilidades que os equipamentos disponíveis no LabLã poderiam proporcionar. Essa compreensão desempenhou um papel fundamental

nas propostas futuras de novos artefatos, direcionando-as de maneira mais precisa e alinhada às demandas específicas do processo artesanal.

Fase principal: apoiar e desenvolver

O contato com instituições de ensino e pesquisa e o acesso a programas de financiamento são fundamentais no planejamento de soluções inovadoras. É importante analisar a viabilidade econômica, técnica e ambiental dos produtos e dos modos de produção, buscando identificar o suporte técnico existente, as competências necessárias e as motivações da comunidade produtora para o futuro (Krucken, 2009, p. 103-104).

Em um primeiro momento, buscou-se aprimorar aspectos técnicos da produção dos artefatos que já vinham sendo produzidos pelo projeto Ateliê de Tecelagem. Por exemplo, na técnica de feltragem em lã por agulhamento, as artesãs costumam empregar formas de biscoito para delimitar o desenho desejado. Desse modo, é possível alcançar a espessura final da lã feltrada mais rapidamente se comparada ao processo realizado livremente, sem um contorno preestabelecido (Figura 3).



Fonte: Pufftique (2013).

Figura 3. Feltragem por agulhamento utilizando uma forma de biscoito como delimitador.

Na construção das peças identitárias que já vinham desenvolvendo, as artesãs não possuíam formas delimitadoras que remetessem ao acervo arquitetônico presente no distrito criativo, o que resultava em um tempo de produção mais prolongado para cada item. Com o intuito de dar celeridade a esse processo, foram desenhados moldes personalizados que remetiam às casas presentes na Vila Belga e a detalhes arquitetônicos que poderiam ser utilizados em diversas aplicações (Figura 4). As formas foram confeccionadas com camadas de MDF de 3 mm cortadas a *laser* e, posteriormente, coladas umas sobre as outras.

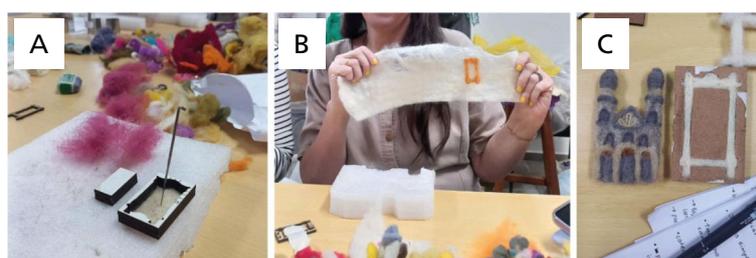


Figura 4. Moldes personalizados remetendo-se à arquitetura da Vila Belga.

Cabe trazer a reflexão de que a situação relatada demonstra que a atuação do *designer*, numa perspectiva social e respeitosa ao trabalho do artesão, nem sempre se dará na criação de um produto ou em definições estéticas, mas também em pequenas intervenções que proporcionem benefícios reais ao trabalho já desenvolvido pelo artesão, como nesse caso, em que, por meio de uma técnica já utilizada, foram propostos novos moldes.

As experimentações com os novos modelos de molde proporcionaram também novas ideias por meio de conversas entre acadêmicas e artesãs, pensando em produtos com potencial de comercialização e propostas projetuais que estabelecessem conexões entre as iconografias da cidade e os artefatos confeccionados.

Nesse contexto, a equipe de *design* propôs às artesãs que recriassem jogos clássicos em lã, os quais, além de propiciarem entretenimento e interação, poderiam representar aspectos identitários do distrito criativo, servindo como mais uma opção de souvenir para os visitantes e moradores locais. Em um processo criativo colaborativo, alternativas foram pensadas considerando tanto as possibilidades de confecção em lã quanto a arquitetura observada na Caminhada Criativa. O jogo da velha foi o que despertou maior interesse das participantes, pois se trata de um jogo simples, que abrange diferentes faixas etárias e que permite diferentes representações de elementos do território (Figura 5).

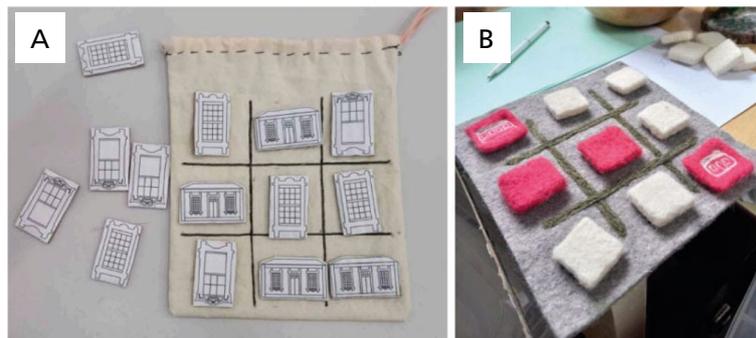


Figura 5. Alternativas para o jogo da velha como souvenir da Vila Belga.

Para facilitar a confecção das peças do jogo da velha na técnica da feltragem, foram desenvolvidos moldes em MDF de diferentes tamanhos no formato das janelas encontradas nas casas da Vila Belga (Figura 6). As artesãs, ao manipularem os

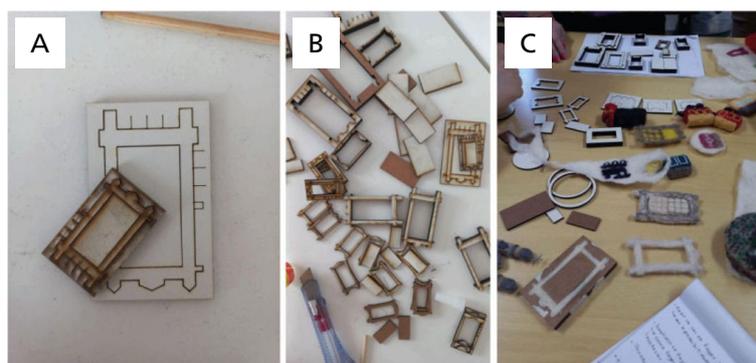


Figura 6. Moldes para artesanato em lã representando as janelas da Vila Belga.

moldes propostos, exploraram novas possibilidades de aplicação do material, dadas as particularidades de cada uma ao trabalhar com a mesma técnica. Enquanto algumas utilizaram os moldes para conferir estrutura à feltragem, outras encontraram maneiras inovadoras de usá-los como estênceis para estampar uma estrutura já feltrada. Com base na concepção do estêncil, surgiu a ideia de criar também um molde específico para reproduzir a locomotiva da Viação Férrea de Santa Maria, resultando em novas experimentações e possibilidades.

Nesse contexto, percebeu-se também o potencial dos moldes das janelas como miniteares. Ao aumentar ligeiramente a largura das bordas, foi possível criar pequenos orifícios em sua base para passar a linha de lã produzida pelas próprias artesãs. Alguns testes foram realizados para determinar o modelo de janela que se ajustaria melhor ao tear, bem como para encontrar os espaçamento e diâmetro ideais dos furos em relação à lã utilizada na técnica. Uma das principais vantagens do minitear foi proporcionar às artesãs a oportunidade de expressar sua criatividade na confecção do interior da moldura da janela, resultando em artefatos únicos e personalizados. Portanto, o molde das janelas em forma de minitear permitiu a padronização de tamanho dos artefatos, mas também a manutenção da individualidade de cada artesã (Figura 7).

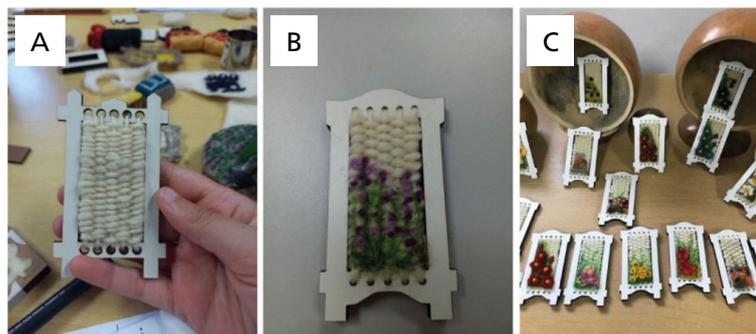


Figura 7. Miniteares confeccionados por meio dos moldes das janelas da Vila Belga.

Durante as interações, ficou clara a importância da participação ativa de todos os membros das equipes na criação dos artefatos. Foi por meio de debates e experimentações que novas ideias foram surgindo, com diversas possibilidades levantadas que poderão ser exploradas em futuras etapas do projeto. A colaboração entre os envolvidos também contribuiu para a descoberta de inovações e aplicações inesperadas dos materiais, evidenciando que um processo participativo, sem um caminho pré-configurado pelo *designer* e mediante as relações entre os pares, em vez da ideia prévia de um produto, pode proporcionar alternativas com grande potencial criativo.

Fase de ação: comunicar e proteger

Os valores e qualidades locais, presentes nos produtos, precisam ser traduzidos e comunicados em linguagem acessível a consumidores que vivem em outros contextos. Investir na comunicação, portanto, pode reduzir a opacidade do produto aos olhos dos consumidores, tornando as relações mais transparentes (Krucken, 2009, p. 101).

Reconhecendo-se a relevância da comunicação visual para apoiar e promover os artefatos territoriais, foram desenvolvidos diversos materiais gráficos cujos elementos visuais tinham como objetivos informar e fortalecer a conexão dos artefatos em lã produzidos pelas artesãs do LabLã com o Distrito Criativo Centro-Gare. Para Krucker (2009), é possível comunicar a relação do produto com o seu território de origem por meio de vários elementos, tangíveis e intangíveis, como cor, aroma, embalagem, informações verbais e visuais. Assim, a paleta de cores escolhida utiliza tonalidades que remetem às edificações da Vila Belga (Figura 8), proporcionando associação visual com o distrito.



Fonte: adaptado de Ramos (2023).

Figura 8. Vila Belga, Santa Maria (RS) e a paleta de cores.

Quanto aos elementos visuais, optou-se pela inclusão de ilustrações representativas de alguns dos principais marcos arquitetônicos da cidade (Figura 9). Essa escolha baseou-se na compreensão de que os edifícios históricos que integram a paisagem urbana possuem a capacidade de evocar um sentimento de pertencimento na população.



Figura 9. Ilustrações dos pontos turísticos e arquitetônicos de Santa Maria (RS).

Sobre a tipografia, foram utilizadas duas famílias tipográficas. A primeira é a Playfair Display, uma fonte serifada para títulos desenvolvida por Claus Eggers Sørensen em 2011 que evoca elementos tipográficos presentes em alguns dos prédios da Avenida Rio Branco. A segunda é a Barlow, uma família de fontes góticas, sem serifas e ligeiramente arredondadas criada por Jeremy Tribby em 2017. Ambas as fontes estão disponíveis na plataforma Google Fonts.

Com esses elementos, foram desenvolvidos cartazes, cartões e etiquetas para acompanhar e divulgar os produtos artesanais confeccionados e as oficinas promovidas pelos projetos. Os cartões de divulgação (Figura 10) foram criados para serem distribuídos com os artefatos, de modo a tornar reconhecível pelo consumidor os aspectos identitários aos quais eles se remetem e, com isso, agregar valor simbólico ao trabalho artesanal.



Figura 10. Exemplos dos cartões de divulgação desenvolvidos.

Além disso, buscando estimular e ressaltar a vinculação dos artefatos artesanais com o território, foi criado um selo de souvenir identitário para ser utilizado pelas artesãs participantes nos produtos por elas produzidos que tenham vinculação identitária com algum elemento do distrito criativo. Também, foram projetados materiais gráficos para serem postados nas redes sociais de divulgação do LabLã e do Distrito Criativo Centro-Gare e uma etiqueta para ser fixada no verso das janelas miniteares que apresenta textualmente a história por trás do produto (Figura 11).

Como ressaltado por Krucken (2009), uma imagem clara e coesa do território favorece a sua divulgação e dinamização, impulsionando o turismo local. Isso resulta na atração de visitantes e consumidores, contribuindo, conseqüentemente, para o fortalecimento de atividades comerciais e/ou industriais estabelecidas no território. Nesse sentido, espera-se que os materiais gráficos desenvolvidos auxiliem na consolidação da imagem do Distrito Criativo Centro-Gare, ajudando a ampliar a sua visibilidade.



Figura 11. Etiqueta Tecendo Santa Maria.

Fase de avaliação: promover e consolidar

O desenvolvimento de redes é essencial para integrar competitivamente o território, pois pode facilitar o acesso ao produto para o consumidor (ou seja, o acesso aos mercados) e promover a conectividade e o domínio de novas tecnologias. [...] Para que as redes tenham sucesso, é necessário o desenvolvimento de relações mutuamente benéficas. Assim, os atores se motivarão a trabalhar de forma conjunta, produzindo valor e qualidade (e não apenas comercializando bens físicos) (Krucken, 2009, p. 106).

Para promover a valorização do artesanato em lã e incentivar a incorporação de elementos do Distrito Criativo Centro-Gare nas criações artesanais da cidade, uma oficina foi conduzida pelas artesãs do LabLã com o apoio da equipe de desenho industrial. O objetivo da ação foi ensinar técnicas artesanais em lã destacando as possibilidades de se estabelecer uma identidade distintiva no artesanato por meio da integração de elementos iconográficos locais. A divulgação ocorreu durante uma edição do Brique da Vila Belga, evento que reúne centenas de expositores da economia criativa de Santa Maria.

A iniciativa, que reuniu mulheres de diferentes faixas etárias, teve início com uma apresentação da equipe de desenho industrial sobre a relevância do artesanato identitário, especialmente no contexto dos distritos criativos, explorando e ilustrando as suas possibilidades com casos reais bem-sucedidos. Posteriormente, foram apresentados às artesãs participantes os processos de esquila, lavagem, secagem, cardagem e fiação em lã. Com a lã cardada, foram realizados a prática de confecção de tecido com feltragem molhada e acabamentos com feltragem com agulha. Aproveitou-se para também ensinar a confecção das janelas miniteares (Figura 12), de modo que cada participante pôde, além de aprender diferentes técnicas artesanais, levar os artefatos finalizados para casa.

Durante a oficina, foram distribuídos entre as participantes exemplares dos cartões e selos de souvenir identitário para serem utilizados por elas na comercialização



Figura 12. Oficina distrito criativo em lã.

dos seus produtos, colaborando para a vinculação do artesanato local com o Distrito Criativo Centro-Gare. A iniciativa buscou divulgar as possibilidades do uso da lã ovina no artesanato e estimular a produção artesanal atrelada a aspectos culturais e sustentáveis. O material gráfico distribuído, por sua vez, visou contribuir para aumentar a visibilidade das artesãs no cenário do turismo cultural, motivando a formação de redes de cooperação.

Outra ação realizada em parceria se deu em outubro de 2023 no Santa Summit, evento promovido pela prefeitura de Santa Maria com o objetivo de impulsionar o ecossistema de inovação da cidade. Ao longo de dois dias, mais de 50 palestrantes de diversas áreas do conhecimento compartilharam as suas perspectivas sobre temas como educação, inovação, empreendedorismo e sustentabilidade. Além das palestras, houve feira de negócios e expositores para um público rotativo de mais de mil pessoas (Rubin, 2023). Durante o evento, os artefatos relacionados ao Distrito Criativo Centro-Gare e desenvolvidos ao longo de 2023 no Ateliê de Tecelagem foram expostos aos participantes (Figura 13).



Figura 13. Exposição dos produtos no Santa Summit 2023.

Além da visibilidade e divulgação relacionadas às potencialidades do uso da lã ovina, foi possível constatar o caráter inovador dos produtos, tendo em vista a repercussão da curiosidade e o interesse do público. O processo de transformação da lã ovina em

cartões-postais do município carrega de significado as técnicas utilizadas, agregando valor e estabelecendo ligação emocional entre os consumidores e os artefatos. Durante a exposição, visitantes demonstraram interesse em visualizar representadas em lã ou outras edificações do território que, de algum modo, evocam memórias afetivas.

Com o intuito de divulgar as ações realizadas ao longo do ano pelos projetos Ateliê de Tecelagem e *Design*, Identidade e Território, janelas miniteares foram confeccionadas para serem entregues a alguns visitantes do evento. Esse artefato foi escolhido por incorporar contribuições de todos os participantes envolvidos na experiência relatada. As janelas, inspiradas nas casas da Vila Belga e cortadas a *laser* no MDF, representam o trabalho realizado pela equipe do curso de Desenho Industrial. O tear com fios de lã e o bordado das flores no interior das janelas são o trabalho artesanal do LabLã, além de refletirem as tramas desenvolvidas durante a realização das atividades. A inclusão das flores como elementos decorativos visou simbolizar o florescimento presenciado no Distrito Criativo Centro-Gare. Assim, o artefato figura como uma metáfora de janelas abertas para oportunidades, criatividade e imaginação.

“O encontro entre diferentes corpos de conhecimento envolve uma transformação ou tradução do conhecimento existente e uma fusão de horizontes — ou seja, a criação conjunta de conhecimento” (Long; Ploeg, 2011, p. 44). A colaboração entre diferentes saberes propiciada pela aproximação dos participantes dos projetos Ateliê de Tecelagem e *Design*, Identidade e Território resultou na concepção de um projeto mais abrangente e inovador, intitulado Tecendo Santa Maria: Experiência Criativa com o Uso da Lã Ovina. Neste, o objetivo será fortalecer as conexões estabelecidas ao longo de 2023, vinculando diferentes atores sociais para contribuir de forma ativa com o ecossistema criativo do Distrito Criativo Centro-Gare, impulsionando a economia criativa e promovendo experiências inovadoras com o uso da lã em diferentes espaços culturais da cidade.

Desse modo, o projeto pretende continuar impulsionando o desenvolvimento e a exposição do artesanato que remete a aspectos identitários da história e do patrimônio cultural dos territórios, buscando agregar valor, sentimento e afeto ao trabalho realizado com a lã. No futuro, pretende-se também expandir essa experiência criativa para outros municípios, replicando em outras localidades os resultados alcançados em Santa Maria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo propôs-se a realizar reflexões com base no relato da experiência estabelecida na aproximação entre os projetos de extensão Ateliê de Tecelagem e *Design*, Identidade e Território no âmbito do desenvolvimento de produtos identitários visando à valorização do território do Distrito Criativo Centro-Gare e da manufatura local e à exploração do potencial iconográfico do território. Por meio da cocriação de artefatos identitários em lã, buscou-se materializar diferentes perspectivas sobre o território, reproduzindo, de maneira criativa, representações significativas de patrimônios edificados da cidade de Santa Maria e localizados no Distrito Criativo Centro-Gare.

A convergência dos conhecimentos das artesãs acerca das técnicas artesanais e a sua profunda compreensão dos materiais, combinadas com uma abordagem de *design* respeitosa e inovadora, culminaram na criação de artefatos singulares e diferenciados que contam histórias e refletem a identidade da comunidade. Ao viabilizar as ideias das artesãs, abriu-se um leque de novas possibilidades a serem construídas em conjunto, aprimorando técnicas já trabalhadas, ultrapassando limitações e estimulando a criatividade. Houve cuidado ao propor alternativas para agilizar processos e estabelecer padrões para que estas não se sobrepusessem às particularidades das narrativas das artesãs sobre o território.

Frequentemente, a profissão do *design* centra-se no *designer* como solucionador de problemas ou como o responsável por conceber e delinear determinado produto, enfatizando a prática projetual. Essa definição pode ser proveitosa ao pensarmos em processos industriais e de larga escala. No entanto, em ações voltadas para a convergência entre *design* e artesanato como produção social, as experiências e vivências evidenciam que a postura dialógica, com os *designers* atuando como facilitadores em vez de projetistas, é a mais adequada. Essa abordagem dinamiza práticas e saberes, beneficiando tanto os *designers* quanto os artesãos e artesãs, que aprendem e trocam conhecimentos relacionados a processos de criação, construindo soluções em conjunto. Nesse contexto, cabe ressaltar que são essenciais o reconhecimento e a legitimação do trabalho manual como um processo intelectual profícuo e especialmente potencializador para o desenvolvimento da criatividade.

Acredita-se que as ações relatadas tenham estimulado as artesãs a explorarem novas possibilidades formais e as tenha encorajado a participar de feiras e eventos vinculados à economia criativa, nos quais elas têm a oportunidade de apresentar e comercializar os produtos desenvolvidos. Portanto, a colaboração entre os projetos não apenas estimulou de maneira criativa a valorização dos aspectos identitários culturais de Santa Maria e da ovinocultura laneira do estado, mas também fomentou o empreendedorismo e a geração de renda associada à economia criativa. Além disso, as peças produzidas pelas artesãs possuem fator de diferenciação em um contexto de mercado globalizado, pois propõem aos consumidores que se identifiquem com o território e se sintam pertencentes a ele, vinculando-se ao que é denominado por Canclini (2006) de “produto cultural”, nos quais os valores simbólicos prevalecem sobre os utilitários e comerciais.

Como ressaltado por Krucken (2009), estabelecer redes de cooperação é essencial para evidenciar à comunidade a importância do produto local e fomentar um senso de pertencimento e consciência coletiva vinculados ao território e aos seus aspectos identitários. Nesse contexto, evidencia-se a importância de se estabelecer uma equipe multidisciplinar, na qual o *designer* aja como facilitador dos processos para o desenvolvimento do trabalho das artesãs. Portanto, pretende-se continuar trabalhando, em sintonia entre *design* e artesanato, para a consolidação de redes de cooperação entre os atores locais e agentes de inovações do território do Distrito Criativo Centro-Gare.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Anan; CAVALCANTI, Virgínia. **Laboratório o imaginário: uma trajetória entre design e artesanato**. Recife: Zoludesign, 2020.
- BARRERA, Yaffa Nahir Ivette Gómez. La cultura del diseño, estrategia para la generación de valor e innovación en la PyMe del Área Metropolitana del Centro Occidente, Colombia. **Centro de Estudios en Diseño y Comunicación**, n. 34, p. 109-209, dez. 2010.
- BENBASAT, Izak; GOLDSTEIN, David K.; MEAD, Melissa. The case research strategy in studies of information systems. **MIS Quarterly**, v. 11, n. 3, p. 369-386, set. 1987. <https://doi.org/10.2307/248684>
- BORGES, Adélia. **Designer não é personal trainer e outros escritos**. São Paulo: Rosari, 2003.
- BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- BRANDÃO, Carlos. Territórios com classes sociais, conflitos, decisão e poder. In: ORTEGA, Antonio César; ALMEIDA FILHO, Niemeyers (org.). **Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária**. Campinas: Alínea, 2007. p. 39-61.
- BURITY, Joanildo. Cultura & desenvolvimento. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (org.). **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 51-65.
- CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. El consumo cultural: una propuesta teórica. In: SUNKEL, Guillermo (org.). **El consumo cultural en América Latina: construcción teórica y líneas de investigación**. 2. ed. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2006. p. 72-95.
- COSTA, Armando Dalla; SOUZA-SANTOS, Elson Rodrigo de. Economia criativa: novas oportunidades baseadas no capital intelectual. **Economia & Tecnologia**, Curitiba, v. 25, p. 1-8, abr.-jun. 2011.
- DOUGLASS, Mike. Creative communities and the cultural economy — Insadong, chaebol urbanism and the local state in Seoul. **Cities**, v. 56, p. 148-155, jul. 2016. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2015.09.007>
- FLORIDA, Richard. **A ascensão da classe criativa e seu papel na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FROELICH, José Marcos; MELLO, Carolina Iuva de Mello (org.). **Artesanato e identidade territorial: manifestações e estudos no Brasil meridional**. Curitiba: Appris, 2021.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.
- LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (org.). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumarã; Brasília: Sebrae, 2004.
- LEITE, Rogerio Proença. Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir. In: SAMPAIO, Helena (org.). **Olhares itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo de tradição**. São Paulo: Artesanato Solidário, 2005. p. 27-41.
- LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira; DÉCIMO, Rodrigo; HEY, Hélio; VIANNA, Vera Lucia Portinho; PERLIN, Ana Paula. **UFSM no Distrito Criativo**. Santa Maria: UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 2023.
- LONG, Norman; PLOEG, Jan Douwe van der. Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstituição do conceito de estrutura. In: SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio. (org.). **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 21-48.
- MELLO, Carolina Iuva de. **Território feito à mão: artesanato e identidade territorial no Rio Grande do Sul**. 2016. 233 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- MELLO, Carolina Iuva de et al. Projeto design social: geração de renda e resgate cultural através do design associado ao artesanato. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, jul.-dez. 2011.

MELLO, Carolina luva de; FROELICH, José Marcos. Território feito à mão: o artesanato como expressão identitária em comunidades remanescentes quilombolas. *Tessituras*, Pelotas, v. 10, n. 2, p. 73-96, jul.-dez. 2022. <https://doi.org/10.15210/tessituras.v10i2.4885>

NORONHA, Raquel Gomes; FARIAS, Luiza Gomes Duarte de; PORTELA, Raiama Lima. *Design, artesanato e participação: reflexões para a autonomia produtiva de mulheres no Maranhão*. **DAT Journal**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 124-143, 2022. <https://doi.org/10.29147/datjournal.v7i4.642>

PUFFTIQUE. Needle Felting Basics for Beginners. **YouTube**, 9 mar. 2013. 1 vídeo (4 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fU6tihDWHhQ>. Acesso em: 10 fev. 2024.

RAMOS, Eduardo. *Vila Belga*. 2023. 1 fotografia. 1.024 x 628 pixels. Disponível em: https://diariosm.com.br/noticias/geral/mais_de_20_empresendimentos_locais_fazem_parte_do_cenario_da_vila_belga.501087. Acesso em: 14 fev. 2024.

REIS, Ana Carla Fonseca (org.). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/economia-criativa-como-estrategia-de-desenvolvimento-uma-visao-dos-paises-em-desenvolvimento>. Acesso em: 3 jan. 2023.

RUBIN, Diniana. **Santa Summit proporcionou dois dias de experiência imersiva nos eixos da inovação e educação empreendedora**. 2023. Santa Maria: Prefeitura de Santa Maria. 2023. Disponível em: <https://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/27604-santa-summit-proporcionou-dois-dias-de-experiencia-imersiva-nos-eixos-da-inovacao-e-educacao-empreendedora>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SANTOS, Evandro. **Retratos do meu jardim**. 2008. 1 fotografia. 1.080 x 577 pixels. Disponível em: <https://santamariafoto.blogspot.com/2008/10/fotos-artigas-evandro-i-santos.html>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SANTOS, Fabiana Arcanja dos; ROCHA, José Cláudio. Economia criativa: Salvador na rota dos distritos criativos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 11, p. 89181-89193, nov. 2020. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n11-367>

TESTONI, Beatriz Maria Vicente. **O que são distritos criativos?** 2018. Disponível em: <http://via.ufsc.br/o-que-sao-distritos-criativos>. Acesso em: 15 dez. 2023.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

TRIBBY, Jeremy. **Barlow, a grotesk variable font superfamily by Jeremy Tribby**. São Francisco, 2017. Disponível em: <https://tribby.com/fonts/barlow/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Sobre as autoras

Carolina luva de Mello: doutora em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria.

Ana Gabriela de Freitas Saccol: doutora em Zootecnia pela Universidade Federal de Santa Maria.

Danielle Neugebauer Willie: doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria.

Paola Cargnelutti Bariquelo: graduanda em Desenho Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria.

Stephanie Nunes Goulart: graduanda em Desenho Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria.

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento:** Edital 034/2023 PRE/PROINNOVA/UFSM.

Contribuições dos autores: Mello, C. I.: Conceituação, Obtenção de Financiamento, Curadoria de Dados, Investigação, Metodologia, Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição. Saccol, A. G. F.: Obtenção de Financiamento, Curadoria de Dados, Investigação, Validação, Escrita – Primeira Redação. Willie, D. N.: Análise Formal, Investigação, Validação, Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição. Bariquelo, P. C.: Investigação, Metodologia, Software, Escrita – Primeira Redação. Goulart, S. N.: Investigação, Metodologia, Software, Escrita – Primeira Redação.

